

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO, CRITICO E ARTISTICO
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno II

Desterro -- Domingo 11 de Janeiro de 1880

N. 4

O ARTISTA

Desterro, 11 de Janeiro de 1880.

**Liberdade, egualdade
e fraternidade,**

INTRODUÇÃO

Quando os pescadores de aguas turvas tudo confundem, nada definem e adulteram o verdadeiro sentido das palavras; quando vemos que se adora a tyrannia sob a mascara da liberdade e se declara guerra á tolerancia sob o falso nome de intolerancia; julgamos prestar um serviço ao povo definindo a liberdade, a egualdade, — o fundamento de todo o desenvolvimento humano.

Falla-se tanto em liberdade, apregoadas nas praças publicas liberdade genuina e no fundo trazem despotismo: são como aquelles que vendem zurrapa em lindas garrafas de crystal com o rotulo: — *Vinho do Porto!*...

Essa liberdade tam apregoadas lembra as fôrmas de assucar: — por cima assucar branco; no fundo negro!...

Dizem que temos liberdade plena (*Risum teneatis...*); chamam plenamente

livre o Brazil, quando ha brasileiros escravos!!!...

Não sei bem o que querem dizer esses senhores, visto que os seus escriptos são a verda deira imagem do primitivo cahos!...

Tambem se pôdem comparar com o menstro descripto pelo velho Horario ou com os phantasmas que nos pinta em sonhos a imaginação exaltada: — agora um homem, agora uma arvore, agora uma porção de linguas, etc.

A liberdade é uma virtude: logo deve-se achar no meio, embora opinem diversamente os *novos Horacios*!...

Quereis encontrar a liberdade? Buscai-a entre o despotismo e a anarchia.

A liberdade em excesso é anarchia; a liberdade em falta é despotismo.

Restringis a liberdade? Tendes menos liberdade!

Ampliais a liberdade? Só tendes a licença, a anarchia!...

Nada de menos, nem de mais!

Basta de preambular.

Agora apresentemos o nosso programma:

O nosso humilde trabalho será dividido em 3 capitulos: no 1.º definiremos e devidiremos a liberdade; no 2.º definiremos a egualdade e a fraternidade;

no 3.º demonstraremos que não ha liberdade sem egualdade, nem fraternidade, e que estes principios dimanam do evangelho.

Praia Comprida 31—12—79.

W. BUENO.

COLLABORAÇÃO

Ao sr. A. do Conservador

Quiz, tambem, dar a minha machadada na cabeça do *novo Jupiter*, a fim de ver si viria á luz nma outra Minerva tam nedia, tam corpulenta, tam pujante e tam pantapancuda, que até não coubesse no campo do *Manejo*; mas, no cabo, s. s. apenas me respondeu com tres filhas de pontos!...

E' o caso de dizer com o velho Horacio: — *Tarturient montes, nascetur ridiculus mus.*

Comquanto eu nada mereça para s. s., não posso, todavia, furtar-me ao desejo de lhe fazer algumas perguntinhas innocentes:

Como é que s. s. separa a egualdade da fraternidade, quando uma implica a outra?

Como é que s. s. não pôde penetrar que tanto pesa uma arroba de algodão como outra de chumbo?

Devéras s. s. não pôde comprehender

FOLHETIM 6

EDMUNDO O BANDIDO

POR
JOSÉ PRATES

PRIMEIRA PARTE

LEONIDA

Estando completo o numero de passageiros, *Florippes*, garboso como uma garça, começou a sulcar as ondas.

Leonida cherava, ao contemplar o panorama da cidade que ia pouco a pouco

desapparecendo no horisonte ainda acinzentado pelas brumas matinaes.

Alberto, aproveitando a occasião em que o conde achava-se conversando com alguns conhecidos, approximou-se de Leonida, que continuava a chorar.

—Porque choras, minha querida?

—Porque deixo a terra onde repousam as cinzas de minha mãe...

—Mas has de voltar ainda. Não choras mais.

—Voltar?... Ah! Alberto! meu pae disse que jamais porá os pés em Venezia.

—Porque?

—Não sei...

Para que o leitor não ignore tam estranha resolução, vamos dizer algumas palavras a respeito.

O conde era d'esses homens que pro-

ferem a morte com todos os seus horrores á deshonra.

—Gosava de boa reputação em Venezia, devida á nobreza do seu character.

Desdê muitos annos, tinha sociedade com um rico banqueiro, talvez o primeiro da cidade.

Como nada é duradouro n'este mundo, os seus negocios, que até então corriam bem, principiaram a arruinar-se, não grado os esforços dos dous associados.

De dia para dia iam peiorando, sem que dessem esperanças de melhoramento.

Já começavam a circular boatos de que o conde e Daniel Walrey iam fazer ponto.

Ora, sendo o conde zeloso da sua honra, apartou a sociedade para que o loadal da vergonha não lhe manchasse a reputação, bem como a de sua familia.

que as diferenças não destróem a egualdade? !...

Como é que s.s. confunde o republicanism com a rebelião contra os governos estabelecidos? !...

Neste caso o monarchista que pregar a monarchia nos Estados-Unidos, onde está estabelecido o governo republicano, será republicano! ! !...

Risum teneatis...

(Note-se que s.s. não está autorizado a dizer-me republicano, pois duas vezes declarei pela imprensa que não pertença a partido algum: para professar a liberdade, a egualdade e a fraternidade, não é preciso ser republicano.)

Si somos *pequinhos de idéas, espiritos acanhados*, ao passo que s.s. é **filho da luz**, como é que s. s. confunde tudo?

Muito teria eu que dizer, mas não quero mais importunar a s. s., pois parece enfadar-se contra os nossos insossos escriptinhos.

Mas s. s. soffra as justas consequências de ter provocado a quem nunca se entrometteu com s. s.

Permitta-me s. s., contudo, que eu lhe dê um conselho:

Quando feriu-nos a nós outros tenha o cuidado de se não ferir a si mesmo: tudo quanto diz s. s. de nós outros só pôde se applicar a si mesmo.

Pôdes s. exclamar com Ovidio: *Heu! pãlor telis vulnere facta meis.*

Mais um conselho:

Si s.s. não quer ser picado pela *cobra*, tenha cuidado de não pisal-a.

Outro conselho:

Depois do almoço, s.s. lave as suas fidalgas mãos em quatrocentas aguas, perfume-se todo, vista a sua camisa bordada, calce as suas calças de casimira fina, calce as suas botinas francezas, vista a sua linda casaca, até a sua gravata e nella pregue um alfinete de brilhantes, ponha na cabeça seu liso chapéo, empunhe a sua bengalinha, vá oscillando-a, em passos de damã em regras de contradança, depois risque um phosphoro e accenda o seu charuto de Havana, desatando azuladas espiraes de fumo, sem descançar as

suas sagradas vistas nos miseros que carregam lixo em asperos cestos de bambú.

Desterro, 8 de Janeiro de 1880.

W. BUENO.

LITTERATURA

NEDJEDLIS O MOURO

ou

UMA VICTIMA DA INQUISIÇÃO

por

J. F. Paz

II

A' noite, illuminou-se a casa e varias pessoas da vizinhança forão convidadas para tomar parte na festa da chegada do visconde de Burgós.

Com effeito, reunirão-se muitas moças e moços e houve um divertido baile.

A's duas horas da madrugada, retirão-se todos os convidados alegres e satisfeitos.

No dia seguinte, o fidalgo convidou o visconde para passear ordenou aos creados que levantassem pavilhões e palanques no pateo, pois que á tarde haverião torneos para as quaes já tinhão sido convidadas muitas familias e os melhores combatentes do lugar.

O visconde vestio-se e sahio com o fidalgo e os creados forão armar os palanques.

O passeio foi muito alegre para o visconde; o fidalgo lhe mostrava os monumentos arabes, os campos de batalha, os templos, as casas dos principaes cidadãos, as praças da inquisição, o tribunal do santo officio, os frades inquisidores, os carrascos, enfim, tudo o que podia interessar a um viajante.

Quando voltarão, já o jantar estava na mesa.

Todos jantarão muito alegres e satisfeitos e o visconde não se esqueceu de fazer

um elogio a Elvira e enchendo o copo, levantou-se e disse:

Si tivesse harmonia minha lyra

Eu aqui saudaria D. Elvira,

Mas já que m'inspirar não quera Musa Viva Elvira Pereira, a Andaluza!

Elvira riu-se d'um modo sarcastico.

O fidalgo julgou que ella já estava se-luzida.

A's tres e meia hora da tarde, acabarão de jantar.

Pagou-se uma hora em conversação do visconde com o fidalgo.

Este lhe perguntava cousas do paço, noticias das guerras com os mouros e negocios da Hespanha com os estrangeiros.

Aquelle lhe respondia satisfactoriamente.

A's quatro horas e um quarto, ouviu-se o toque de uma musica e então o fidalgo lembrou-se do torneio.

—Vamos, caro visconde. Hoje haverão torneos. Já mandei preparar o necessario.

—Ora essa! Não precisava incommodar-se comigo!

—Ora! O que fiz está feito, respondeu D. Rodrigo, e tomando o braço do visconde sahio.

Quando chegarão ao lugar do torneio muita gente os esperava e assim que os virão, romperão em aclamações:

—Viva o visconde de Burgos! gritarão uns.

—Viva o fidalgo D. Rodrigo! gritarão outros.

Uma banda de muzica tocava e innumerados cavalleiros agitavão seus altos e magestosos elmos.

Os palanques estavam cheios de bandeiras e flores e occupados pelas principaes familias do lugar.

No meio estava a familia de D. Rodrigo.

Continúa

Foi este o motivo que levou o conde a encetar essa viagem, que tantas lagrimas causava a Leonida.

Mas, si a bella veneziana de tal soubesse, em logar de lamentar a idéa de seu pae, abençoal-a-hia.

—E para onde vae? perguntou Alberto.

—Tambem não sei. Só me disse que iria para um logar onde ninguem o conhecesse.

O mancebo carregou o sobrolho, mas logo proseguiu com arrebatamento:

—Que importa? logo que me não separe de ti...

—Ah! Alberto! si não fosse o teu amor, já teria estado de dôr..., disse Leonida com os olhos raios de lagrimas.

O moço olhou-a com paixão, e murmurou baixinho:

—Tu has de ser minha!

A aureola da virgindade coloriu o ros-

to da joven veneziana, cujo silencio foi a unica resposta.

Durante os dias que o navio levou de viagem, nada digno de menção passou-se.

Vamos encontrar o conde alojado na sua nova casa, conhecida por *castello*, na aldeã de..., e Alberto n'um pequeno predio, não mui distante da habitação da sua amaã.

Foi, pois, na aldeã de..., n'um logar quasi solitario, e além d'isto, infestado por uma temivel quadriha de salteadores, que o conde de... fixou a sua residencia.

VI

Apesar da traição de João, os bandidos ainda continuavam a reunir-se na Casa Negra.

Dous dias depois da tenebrosa noite em que o infeliz Roberto fôra tam gravemente ferido, pela seis horas da tarde, todos

os salteadores da quadriha de Edmundo ahi se achavam reunidos.

Esperavam a noite, para dar um formidavel assalto n'um casa de negocio, situada uma legua distante da aldeã, na estrada que conduzia á cidade.

—D'esta vez o patife do João não nos ha de trahir, disse um dos bandidos.

—Tam tôlo não será elle, accrescentou outro. A' esta hora deve estar bem longe d'aqui.

—Deos é quem sabe, observou Benedicto.

—Ora bolas! Já vens tu com os teus agouros.

—Agouros? Não. O que digo é para nosso bem.

—Então queres dizer que hoje tambem seremos mal succedidos?

—Não digo isso, mas, com um inimigo d'esse, deve haver muita cautela.

—E' verdade, approvaram alguns salteadores.

Improviso

Aquelles dias alegres desaparecerão; aquellas tardes serenas, os esplendores da aurora, os sorrisos da noite em que ambos contemplavamos cecó com seu lucido manto, já não affagão nossos sonhos de ventura, trem dourão nossa existencia tristonha.

Não vejo mais em teu rosto a expressão da alegria; não ouço mais o mavioso som de tua voz suave e doce; não aspiro mais os perfumes de tuas mimosas tranças, nem do teu lençinho branco; não gozo mais o estalar de um ardente beijo em teus lábios côr de rosa, nem sinto mais o apertar de tuas mãos nas minhas, nesse concheço intimo de nossas almas, nessa effusão de nossos espiritos, nesses transportes de um amor intenso, grande, sublime e eterno como a propria eternidade.

Blasphemei ?

Perdoa... E' a vehemencia da paixão que falla; é um coração a se partir de dores.

Ahi, aonde estás, ouve as magoas do teu cantor, que sente e soffre cruciantes dores e não esmorece no peregrinar da vida tão cheia de urzes e espinhos: fortifica-se com ellas, que amar é soffrer.

«Amor ! palavra que traduz mysterio» —é o ente amado constituindo o universo, é o universo resumido nelle, no pensamento colossal de Victor Hugo.

Nas horas silenciosas da noite, revejo os tempos que se forão, e confronto-os com o nosso presente.

Quantas saudades então sorprendem minh'alma; quantos castellos se formão, levantão-se e voão nas azas do pensamento; quanta phantasia; quando sonho—um mundo de perennes venturas—que tem por objecto—só tu, e mais ninguem.

POESIAS

Hontem, hoje e amanhã.

(IMPROVISO)

Ao amigo F. Paulino de Albuquerque

O dia de amanhã não nos pertence...
—Dr. Magalhães—

Hontem... ledo e insonte eu era
Como a aurora arrozada,
Como a linda primavera
De mil flores adornada!
Qual anjinho la do Olimpo,
Radiante de alegria,
Tão contente então me via,
Vendo o ceo sereno e limpo !

Hoje... dóe-me que esta vida,
Ainda assim nos seus albores,
Tenha est'alma tão transida
Do pungir de acerbas dores !
Ai tão cedo ! e já chorando
Nesta lyra a desventura
Presentindo a agra tristura
Minha frente sombreando !..

Amanhã... Deus ! que mais prantos
Poderá minha alma triste
Derramar em tristes cantos
Quando em dôr sómente existe ?
Deus... ó Deus todo bondade !
Dá-me os cantos de alegria,
Que me augurem ter d'um dia
Me sorrir na eternidade !

Benjamin Carvalho

--MOTTE--

Amores não tive, nem tenho
Pois que faz doer a vista
Agora só digo contente
Amo muito meu Artista !

GLOSA

Jamais amores eu tive
Nem p'ra tél-os faço empenho
Por isso digo bem alto:
Amores não tive, nem tenho ?

Quem há que ao sol brilhante
Parado na rua resista
Pelo menos eu não posso,
Pois que faz doer a vista !

Que triumphei dos amantes
Que sou delle independente
Eis o que, ó meus leitores,
Agora eu digo contente ?

Emquanto os tólos na rua
Das donsellas vão à pista,
Eu direi ridente sempre:
Amo muito o meu Artista !

HERACLYTO

O franguinho garnizê

(Fabula original)

O cantar d'um gallo musica
Um dia um frango escudou;
E d'ouvil-o arrebatado,
Enthusiasta o louvou

Entanto exclama enfadado
O franguinho garnizê:
«Pateta ! o gallo que louvas
Modelo... typô não é !

Os gallos mais afamados
Não temo, q' eu sou cantor !..
A mim só pertencem palmas,
A mim o applauso, o louvor !.. »

Diz um velho Cochinchinna,
Que põe-se o bico a mover:
«Presumpção e agua benta
Cada um toma a que quer !..

B.

NOTICIARIO

Fanatismo religioso.—O fanatismo religioso ganha terreno progressivamente.

Consta-nos que uma commissão de senhoras, pertencentes a celebre associação da *santa* de Lourdes, anda esmo-

lando pelas ruas d'esta capital, com o fim de comprar um organ para tornar mais solemnes as festas em louvor da sua *santa*:

Este facto é digno da mais enérgica censura, porque servem-se da caridade publica para engrandecerem a imagem de uma *santa* que nunca existiu nem existe, salvo si na imaginação de pessoas fanatleas.

Si o passo que dão fosse em beneficio d'aquelles que gemem no leito da miséria, seria digno de louvor; mas sendo em favor de uma *santa imaginaria*, é digno de escarneo, provoca mesmo o riso ás pessoas sensatas.

Ora, si essas senhoras estivessem em suas casas não fariam melhor figura do que estão fazendo.

Para que quer a *santa* um organ ?
Sem duvida alguma para tocar.

Não é directamente ás senhoras a quem nos dirigimos, e sim ao *reverendo*, que, como sendo o mais dotado de juizo, devia cohibir similhante cousa.

Ao terminarmos esta noticia, aconselhámos ás senhoras que pertencem á congregação da *santa* de Lourdes, a apartarem-se d'ella, porque terá o mesmo fim que o Sagrado Coração de Jesus.

Iluminação publica.—Com prazer temos apreciado o feliz exito que tem tido a empreza do distincto engenheiro Campos Mello.

Grande é a vantagem d'esta nova iluminação, que dá assim um aspecto mais alegre a nossa capital, e convida os seus habitantes a passear, o que não succedia com o kerosene, que esclarecia apenas as esquinas.

A intensidade da luz é tal que as ruas ficam completamente iluminadas e quasi se pôde ler qualquer manuscripto em qualquer ponto que se esteja.

Si possuímos um tão importante melhoramento, devemos agradecer ao illustre administrador da provincia e ao distincto dr. Campos Mello, a quem renovamos os nossos cumprimentos.

Corrigenda.—O sr. Oscar de Lara enviou-nos a seguinte;

No ultimo verso da 3ª. quadra da poesia intitulada—E' noite...—em lugar de: A luz qu'a recende, leia-se: A luz qu'a lua recende.

Este engano foi devido á negligencia do compositor.

Desculpa.—Por não termos numero sufficiente de empregados na nossa officina, não podemos dar regularmente a nossa folha aos domingos, como promettemos; mas, logo que vencamos as difficuldades, o *Artista* será publicado com punctualidade aos domingos.

Imprensa.—Agradecemos ás respectivas redacções as remessas dos seguintes periodicos:

Despertador, Regeneração, Conservador, Gazeta de Joinville, Municipio, A Verdade, Jornal do Penedo, Nova Aurora, Gazeta de Uberaba, Grinalda, Saudade, Echo do Parauá e o Povo.

CORRESPONDENCIA

Cartas de um roceiro

Ilha-gracense

1ª CARTA

(Conclusão)

« Compadre e amigo muito estimavel:

« Com grande prazer recebi as tuas preciosissimas lettras, pelas quaes, não só me das noticias tuas e de tua familia, como desse lugar de melhor sorte merecedor. E' uma calamidade, meu compadre, que ha annos faz gemer essa pobre terra! Ella, que foi outr'ora um gozozinho de familias, um seio de Abrahão, quando os velhos respeitaveis batejavam-lhe seu halito de vida,—com a falta d'elles, parece que tende a desaparecer d'entre o rol de suas irmãs, indo de decadencia em decadencia, de dia para dia (ou antes para a noite), tudo devido à incuria, à insocialidade e a presumpção balofo e ridicula da maior parte de seus habitantes, maxime d'aquelles que ali *vegetam* se inculcando de *primeiros*, quando não passam de nonadas, si a tanto chegam!

« E' para lamentar que ali nada de bom permanença, nada de bom viver possa!

« E isto porque?

« Porque vive ahi aquella que, conforme diz meu visinho (um sabichão de mão-cheia) tem serpentes na cabeça e serpentes no coração!

« Bem se pôde dizer d'ahi (que já foi ilha dos *bacucús*) que hoje é terra dos *carãnyuejos*: (« que *taes* são *ell's*!...)

« E' sina! Tudo acaba neste valle de lagrymas! Mas, é verdade que ainda era cedo, muito cedo, para presencarmos a desdita dessa terrinha, aprazível e muito pelo natureza, o quanto hoje a fazem « detestavel » esses « *tutús* » que a correm dentro do seio!...

« Calamidade, compadre, pois não é?

« Ora! e lá ia eu me esquecendo de dar-te noticias minhas, da familia e d'esta « colonha ».

« Eu gozo saude, bem como a gente da casa.

« Vivendo-se por aqui sem essas discordias, vilanias, traições, hypocrisias, adulações, scinismo e mais miserias em *ias*, *ões* e *ismo*, que, dizem, por ahi regurgitam,—escusa dizer-te que passamos optimamente.

« Aqui não se costuma indagar das casas dos outros, nem cada um faz de « *alfaiate* » ou « *talhador* » nas esquinas e « *lugar d'esfola* » dando « *tesouradas* » e « *alfinetadas* » pela « *traseira* » dos que passam! Pelo menos ainda ninguem « se *dôu* » aqui nas « *abas da casaca* »!

« Gosto d'isto, crê-me; comquanto deva estabelecer as devidas excepções. E' que não quero negar o proverbio de que « *Sempre ha um pedaço de mau caminho* ».

Porém, sr. director, não quero começar maçando-lhe a paciencia, tanto mais quando eu tenho verdadeiro horror ás maçadas.

Fi aliso, pois, esta carta.

promettendo-lhe dar-lhe em outra alguma coisa de variedade.

Adeusinho.

20 de Dezembro de 79, ás 2 h. e 35 m. da tarde.

Saude e ventura lhe deseja o

Seu novo leitor
venerador e admirador

Roceiro.

CRITICA

Scenas da actualidade

E' tal o conceito de que goza o ARTISTA, que resolvi sahir da penumbra do meu *buroco* para apparecer á luz da imprensa.

Não sou escriptor, com franqueza o digo; mas, como conheço muita gente de orelha maior que a minha, que vive constantemente nas columnas dos jornaes, entendo que tambem devo publicar as minhas garatujas.

Feito este exordio, vou entrando *sans facons* em materia, com a devida licença dos leitores.

Escolhi para assumpto dos meus escriptos o que se passa na occasião em que a musica do 17. batalhão de infantaria executa as suas melhores peças em frente ao palacio da presidencia.

Para ficar mais sciente das scenas que ahi se exibem, dou os meus passeios atravez d'aquella massa de povo, levando empurrões de uns, cotovelladas de outros, etc., etc.

Muita cousa vejo!

Aqui—dous jovens, trocando olhadelas expressivas, e, de quando em vez, algumas palavrinhas, como, por exemplo:—Logo lá estou.

—Não faltas. Eu te espero.

Alli—um pedante, dizendo finezas á algumas senhoras, que riem, cochicham, mexem, embrulhando muitas vezes as pernas de algum *rondante* com as longas caudas dos seus vestidos.

Essas maldictas caudas cada vez crescem mais, com prejuizo da algibeira dos pais e dos maridos.

Tempo virá em que as *taes* caudas chegarão do pólo arctico ao antartico!

Acolá—um peralta, dizendo gracinhas ás *grisettes*, que riem a bom rir, mais d'elle do que das suas graças.

Além—um velhote pequenoto, deitando olhadelas sentimentaes ás mulatinhas, que requebram-se ao som da musica.

Aquem—um pilintra, mettido na fatiôta, com um charuto atravancado na bocca, cartôla á banda e bengalinha na mão, passeando por entre as moças, que o olham com interesse.

Estas e outras cousas se praticam todos os domingos e quintas-feiras, durante a retreita.

A proposito, a igreja matriz estava aberta, mas só contava meia duzia de

—*Ora pro nobis*. á arenga que o padre mastigava juncto ao altar.

Mas a *patuscada* não durou muito tempo, porque, vendo o capellão que ninguem lá ia, mandou o sachristão fechar as portas e pôr os beatos no olhe da rua!

Bem feito!

Não quero passar por massante, e, portanto, faço ponto final, promettendo em breve voltar á carga.

EPAMINONDAS.

VARIEDADES

LOGOGRIPHOS

POR (LETRAS)

Offerecido aos insignes charadistas, logogriphistas, enigmistas, metagrammistas, anagrammistas J. S. Corcoroca João Floriano da Silva e J. S. Veiga.

Aqui teem um logogripho
Mui facil de se matar...

Pensem... meditem... e depois

Um instrumento hão d'achar—3, 18, 6, 17
19, 14, 15

Aqui teem outro instrumento
Entre nós mui conhecido—4, 1, 2, 16, 19
Filho de Guttemberg acharão
N'estes num'ros reunidos—9, 5, 16, 10

N'esta figura de repetição—1, 11, 15, 16
4, 12, 2, 1

Magistrado d'Athenas acharão—1, 2, 8,
17, 12, 11, 6, 7

Um passaro não mui vulgar
Os amigos encontrarão—16, 7, 13, 10

CONCEITO

Querem um conceito, amigos?

Mas que conceito hei de dar?

Comtudo eu sempre vos digo

Qu'è arte e não mui vulgar.

O PYRILAMPO.

Ao Sr. O. Z. A. O.

Certamente haveis de achar
Em a fita do vosso chapéu 10-6-5-8
Lindo hymno ao deus Apollo 5-11-1-9
E'nda mais, possante qual o *ceu* 5-6-3-4
(2-7-8-)

Conclui meu charadista;

O conceito já la vai,

Lá vai e sem mais apodos:

Ainda além dos celicolas

Só Elle acima de todos.

Gnarany.

Charadas novissimas

Aos Srs. Conceição e M. Callado.

2—3 Alem á sciencia, faz parte da philosophia,

2—2 Primeiro na *typographia* o modelo.

2—3 Sobre o delirio adouce furiosa.

Guarany.